

A agricultura gaúcha em 2004. Feliz 2005!*

Maria D. Benetti

Economista da FEE.

Resumo

Em 2004, a evolução da agricultura estadual foi prejudicada seriamente pela quebra da safra de grãos 2003/2004, decorrente das condições climáticas adversas. Para o ano de 2005, as estimativas projetam a produção da lavoura gaúcha praticamente nos níveis atingidos na supersafra de 2003, o que, confirmadas as previsões, desenha um cenário positivo para a agricultura. Sob a ótica dos resultados econômicos, o cenário mostra-se menos otimista, pois se observou, no segundo semestre do ano, um movimento de queda nos preços das "commodities", acompanhado da alta dos principais insumos agrícolas, indicando uma relação de trocas desfavorável ao setor.

Palavras-chave

Economia regional; agricultura gaúcha 2004; produção de grãos e carnes.

Abstract

In 2004, the agriculture of Rio Grande do Sul state was seriously harmed by adverse climate conditions which had a negative impact on the 2003/2004 harvest of grains. Estimates for the year 2005 predict harvests with similar production levels to those attained in the extraordinary harvest of 2003. If this forecast is confirmed, we could, therefore, envision a positive scenery for the state agriculture. However, predictions are not so optimistic from the point of view of economic results due to the decrease of the prices of the commodities, which,

* Texto redigido com informações coletadas até 20.12.04.

along with the rise in agricultural supplies indicates disadvantageous exchanges to the sector.

Artigo recebido em 30 dez. 2004.

O texto que segue analisa a agricultura gaúcha em 2004, concentrando-se no comportamento dos segmentos associados à produção de grãos e de carnes. No que diz respeito à lavoura, serão examinadas as perspectivas da produção para o ano de 2005, considerando-se os levantamentos divulgados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) a respeito das intenções de plantio dos agricultores para a safra 2004/2005.

O desempenho dos setores também será avaliado comparativamente ao dos respectivos agregados em âmbito nacional e, sempre que oportuno, com relação aos seus padrões de evolução histórica.

1 - O ano de 2004

1.1 - O clima, mais uma vez, prejudica o desempenho da lavoura

Quando os agricultores gaúchos cultivaram, em 2003, a maior área de grãos desde 1990, animados pelos resultados extraordinários alcançados na safra 2002/2003 — afinal, haviam colhido quase 6 milhões de toneladas a mais de grãos, associadas a níveis recordes de produtividade —, não esperavam vir a amargar um prejuízo nas proporções do realizado na colheita de 2004. Está-se falando de perdas de produção que alcançaram 4,6 milhões de toneladas de grãos, correspondendo a aproximadamente um quarto do volume total produzido de 17,7 milhões de toneladas.

Essa queda expressiva no volume da produção física, na safra 2003/2004, deve-se à manifestação de fatores climáticos adversos, que reduziram a produtividade física média da lavoura em 23,3% com relação a 2003.¹

¹ Produtividade estimada considerando-se o conjunto dos grãos produzidos no Estado, a saber, o arroz, o feijão, o milho, a soja, o trigo, o sorgo, o amendoim e o girassol, estes dois últimos de importância residual na produção total.

A quebra dos rendimentos atingiu frontalmente as lavouras de sequeiro, poupando apenas a do feijão. No entanto, o desempenho desta última pouco afeta o do setor graneleiro em seu conjunto, pois, além de exibir índices de produtividade baixos, incorpora relativamente pouca extensão de terra.

Tabela 1

Comparativo de produção e área colhida nas lavouras de grãos
do Rio Grande do Sul — 2002/2003 e 2003/2004

LAVOURAS	PRODUÇÃO (t)			ÁREA (ha)		
	2003	2004	Saldos Líquidos	2003	2004	Saldos Líquidos
Arroz	4 697 123	6 338 117	1 640 994	961 760	1 044 124	82 364
Feijão	137 843	133 688	-4 155	155 937	136 456	-19 481
Milho	5 428 243	3 371 277	-2 056 966	1 415 897	1 199 523	-216 374
Soja	9 579 293	5 541 706	-4 037 587	3 591 470	3 968 530	377 060
Sorgo	66 548	38 269	-28 279	29 738	22 700	-7 038
Trigo	2 395 554	2 308 158	-87 396	1 063 194	1 103 086	39 892
Outros	12 203	16 263	4 060	10 081	11 773	1 692
TOTAL	22 316 807	17 747 478	-4 569 329	7 228 077	7 486 192	258 115

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul.
Rio de Janeiro: IBGE, set. 2004.

Diferentemente das lavouras de sequeiro, a produção de arroz irrigado, na safra 2003/2004, experimentou um aumento muito expressivo de produtividade, de mais de 24%. É bem verdade que esse crescimento tem como base o rendimento apurado na safra 2002/2003, que foi excepcionalmente ruim. Seja como for, o fato é que melhorias nos índices de produtividade do arroz afetam, sim, e de forma importante, a produção graneleira, uma vez que a exploração se caracteriza por rendimentos físicos muito elevados, além de ocupar uma área relativamente importante.² Pois bem, a melhoria nos já altos índices de produtividade do segmento, combinada com uma expansão da área cultivada, repercutiu positivamente no aumento da produção sob a forma do lançamento de mais 1,6 milhão de toneladas de grãos no mercado, em relação à safra passada.

² Cabe destacar que não se está comparando a área do arroz com a da soja, esta, aliás, incomparavelmente maior que qualquer outra.

Considerando que o Brasil produziu 2,4 milhões de toneladas de arroz a mais na safra 2003/2004, com relação à anterior, o Rio Grande do Sul contribuiu sozinho com 66% para essa alta da produção e, com isso, melhorou ainda sua posição de liderança no cenário nacional, avançando a participação de 45,3% para quase 50% entre as safras colhidas em 2003 e 2004. Resumindo, o Estado, com menos de um milhão de hectares explorados, foi responsável, sozinho, por 50 de cada 100 toneladas de arroz produzidas pelo conjunto dos estados brasileiros.

Os resultados do arroz, no Rio Grande do Sul, compensaram em parte as perdas realizadas com a exploração da soja e do milho, que alcançaram, juntas, mais de 6,1 milhões de toneladas, de tal forma que não foi ainda pior o resultado global da safra. A lavoura da soja foi, dentre todas, a que experimentou os piores prejuízos, atingindo quatro milhões de toneladas, o equivalente a uma redução de 42,4% com relação à colheita de 2003.

Mas, enquanto a redução da tonelagem produzida de soja se deveu unicamente à quebra nos rendimentos físicos da lavoura — uma vez que a área plantada se expandiu —, no caso do milho, ela resultou do efeito combinado de redução de área cultivada e de produtividade.

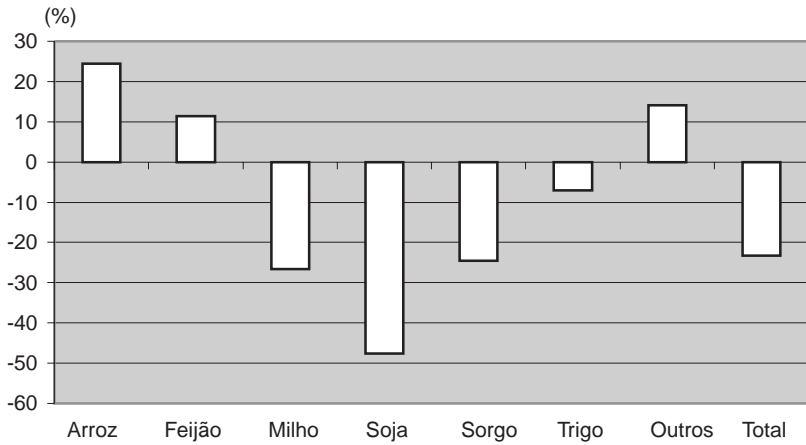
O quadro de distribuição de prejuízos entre as lavouras, devido à quebra dos rendimentos, explica-se pela estiagem que incidiu em importantes zonas produtoras do Rio Grande do Sul, prejudicando as lavouras de sequeiro e poupando justamente seu segmento irrigado associado à exploração do arroz (Gráfico 1).

Mas a quebra de safra 2003/2004 devida a fatores climáticos adversos não é surpreendente para quem acompanha o padrão histórico de evolução da lavoura gaúcha e muito menos ainda deveria surpreender aos próprios produtores, acostumados que estão à recorrência, à regularidade com que ocorrem e, assim sendo, até com sua previsibilidade — pois se alternam a cada ano e, com sorte, a cada dois. Veja-se que, de 2000 para cá, a incidência de clima adverso prejudicou as safras em anos alternados (Gráfico 2). Sendo assim, poder-se-ia dizer que o clima adverso é um elemento constitutivo das condições de produção e, portanto, de competitividade da lavoura gaúcha.

Dada a importância do setor graneleiro sul-rio-grandense — pois o Estado participou, em média, com cerca de 18% para toda soja, milho, arroz, feijão e trigo produzidos no Brasil, nos últimos anos (colheitas 2000 a 2004) —, o desempenho da produção nacional mostra-se bastante sensível aos resultados alcançados no Rio Grande do Sul. Isso ficou muito claro ao se compararem as perdas apuradas no Estado, em 2004, com as registradas pelo conjunto dos demais estados produtores brasileiros, mostradas no Gráfico 3.

Gráfico 1

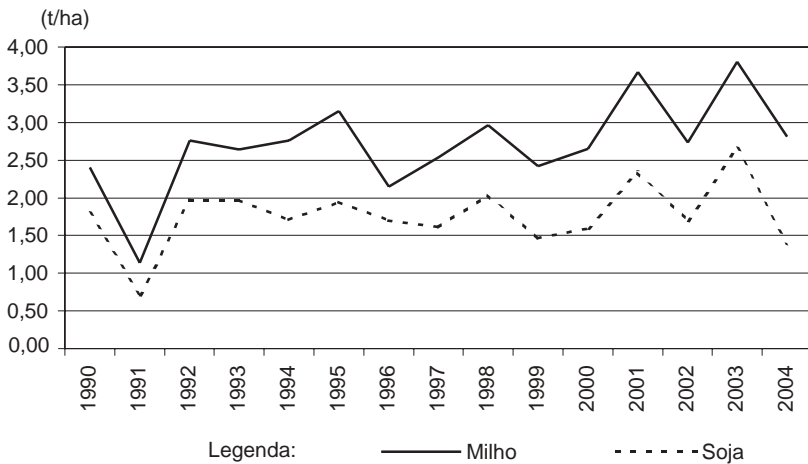
Evolução da produtividade física (t/ha) em lavouras temporárias de inverno e de verão no Rio Grande do Sul — safra 2002/2003-safra 2003/2004



FONTES: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, set. 2004.

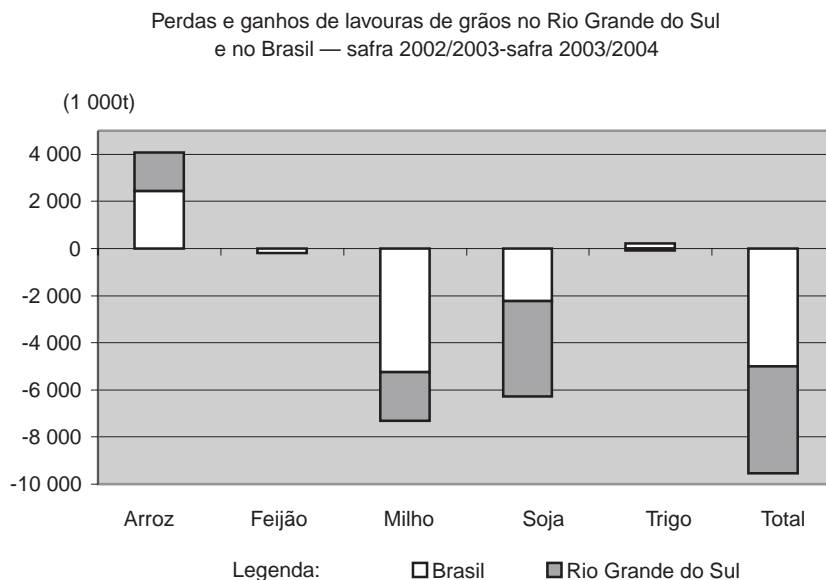
Gráfico 2

Evolução da produtividade física de lavouras de sequeiro no Rio Grande do Sul — 1990-04



FONTES: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, set. 2004.

Gráfico 3



FONTE: CONAB. Acompanhamento da safra 2003/2004: Sexto levantamento. Brasília, DF.: Conab, ago. 2004.

Considere-se, primeiro, a coluna relativa às reduções de tonelagem estimadas para a totalidade das lavouras analisadas. Ela mostra que as perdas globais de safra estão afetadas fortemente pelos resultados negativos do Rio Grande do Sul e que, não fossem estes, os prejuízos seriam de pequena monta. Observe-se, de outra parte, a coluna relativa às perdas da soja. Aqui, simplesmente não haveria queda no volume de produção em nível nacional, uma vez que o saldo líquido de produção obtido pelas lavouras das demais regiões produtoras é positivo. Do lado oposto, quando a produção estadual vai bem, caso do arroz, ela afeta positivamente a produção nacional, como evidenciam as áreas representativas dos aumentos de produção do Rio Grande do Sul e dos demais estados.

O quadro descrito indica a ocorrência de quebras de safras nos demais estados produtores, mas sinaliza também, de um lado, que nem todos foram tão duramente atingidos pelo clima quanto o Rio Grande do Sul e, por outro, que a adversidade afetou diferentemente os diversos segmentos da lavoura de grãos espalhados pelo Brasil. É importante que se diga ainda que, no resto do Brasil,

contrariamente ao que ocorreu no Rio Grande do Sul, as quebras de safra ocorreram por excesso de chuvas na época do plantio e, além disso, que, diferentemente do que ocorreu no Estado, as condições climáticas não explicam toda a perda da safra. Isto porque a lavoura da soja nas regiões do cerrado brasileiro (Bahia, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo e Tocantins) foi afetada seriamente pela incidência do fungo conhecido como ferrugem asiática.

Mas, finalmente, independentemente das suas causas, quais foram as perdas de produtividade nas grandes regiões produtoras?

Considere-se o caso da soja, segmento que apresentou a maior queda em volume de produção no Rio Grande do Sul. A produtividade caiu em todas as regiões produtoras, exceção feita à Nordeste, que registrou um expressivo crescimento de 31,7% (CONAB, ago. 2004); na Região Sul, o indicador mostrou uma queda de 30,6% contra 12% contabilizados nas lavouras do Centro-Oeste e 8,6% nas dos estados da Região Sudeste. No Rio Grande do Sul, o decréscimo de produtividade foi muito maior, atingindo, como já foi mencionado antes, quase 48%. Compensadas as perdas de produtividade pelos aumentos de área em âmbito regional, observa-se que a tonelagem produzida só caiu, em termos absolutos, no conjunto dos estados da Região Sul e na proporção de 23,8%. Como a produção no Rio Grande do Sul diminuiu em mais de 42%, conclui-se que o segmento da lavoura sul-rio-grandense foi o mais duramente atingido pelas condições climáticas.

Considere-se, agora, o comportamento do milho, outro segmento da lavoura prejudicado pela falta de chuvas no Estado. Nesse caso, constatam-se redução de produção e de produtividade nas Regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul e aumento nas Regiões Norte e Sudeste. Novamente, foi o conjunto das lavouras da Região Sul e, dentre estas, a do Rio Grande do Sul, que apresentou o pior desempenho nos dois indicadores considerados. Cabe referir que os resultados negativos apresentados pela lavoura em âmbito nacional, diferentemente dos observados na de soja, não se originaram apenas da redução da produtividade, mas também da área plantada. Só para se ter uma idéia, a área plantada com soja, no Brasil, aumentou 15% na safra 2003/2004, enquanto se reduziu 3% a área reservada para o milho.

Um fato importante a registrar, sempre olhando o quadro geral do desempenho da agricultura gaúcha, é a expansão da área utilizada com a lavoura temporária. A área plantada com culturas de verão e inverno aumentou, em termos globais, 258,1 mil hectares no Rio Grande do Sul, o equivalente a um acréscimo percentual de 3,57% entre as safras 2002/2003 e 2003/2004 (Tabela 1).

Esses dados tornam-se significativos especialmente pela circunstância de que, no Rio Grande do Sul, há uma ocupação plena da área disponível para a exploração agropecuária. Nesse sentido, é uma situação oposta à da maioria dos estados concorrentes, especialmente à dos localizados nas regiões dos cerrados, no norte e no centro do País, que contam com uma reserva importante de terra para o crescimento sustentado da produção agropecuária.

Sendo verdade, como se disse, que as áreas disponíveis para a exploração agrícola já estão ocupadas, então, o crescimento da área total da lavoura terá ocorrido através da cessão de áreas ocupadas pela exploração da pecuária de corte bovina.

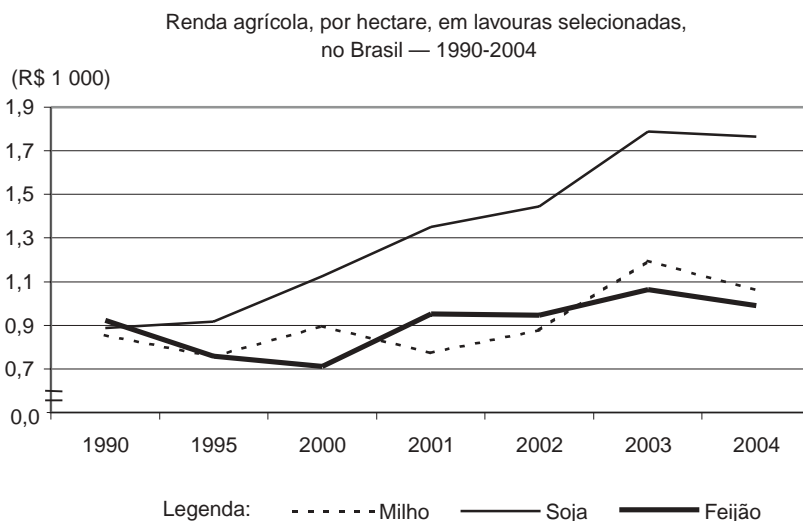
Considerando as culturas de verão que são as que disputam as áreas agriculturáveis entre si — uma vez que o trigo é plantado em sucessão com os grãos de verão ao longo do ano —, observa-se um crescimento da área total da lavoura de 218,2 mil hectares. Essa seria a área que se supõe ter sido retirada das pastagens. Mas, como o arroz e a soja apresentaram expansão da área de 461,2 mil hectares, a substituição de áreas de pastagens por lavoura não explicaria todo o crescimento das duas linhas de produção.³ É que a cessão de terras não ocorre apenas entre os subsetores lavoura e pecuária, mas também entre linhas de produção da lavoura. No caso, as lavouras de milho, feijão e sorgo cederam áreas para o plantio da soja no montante justamente de 242,9 mil hectares.

A preferência do agricultor pela soja pode ser explicada simplesmente pelo fato de que o seu cultivo é o que gera mais renda por unidade de terra explorada entre os de todos os grãos de sequeiro. O Gráfico 4 mostra que, desde 1990, a rentabilidade da lavoura da soja foi superior e cresceu mais do que a das demais lavouras.

Embora não se disponha de dados a respeito das áreas plantadas em 2004, em âmbito municipal, que permitam medir o avanço da lavoura nas diferentes regiões produtoras, em 2003 e 2004, com base no conhecimento do padrão histórico de crescimento do setor, é possível supor que grande parte dos 218,2 mil hectares incorporados, referidos antes, se localize nas terras da Metade Sul do Estado, que concentram as áreas de pastagens dedicadas à pecuária de corte. No entanto, pode-se supor, também, que parte delas se constituam em terras de menor potencial produtivo para a exploração da lavoura, localizadas na Metade Norte do Estado, abandonadas pelos agricultores na década de 90, quando as condições de mercado dos grãos não compensavam sua utilização.

³ A rubrica "outros", na Tabela 1, mostra um crescimento de área plantada, todavia inexpressivo no cômputo geral de área incorporada.

Gráfico 4



FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, set. 2004. AGROANALYSIS, Rio de Janeiro, FGV, v. 24, n. 6, jun. 2004. p. 54.

Ora, um tal padrão de crescimento da agricultura estadual não é novidade na sua história. O que vem ocorrendo nas últimas safras, quando a soja avançou sobre áreas de outras lavouras e de pastagens, se assemelha ao que aconteceu no primeiro ciclo de expansão da oleaginosa, ao final dos anos 60 e início dos 70. E pode-se ir mais além e generalizar dizendo que, em circunstâncias muito favoráveis para o crescimento de um determinado segmento da lavoura, o produtor substitui cultivos, avança sobre áreas de pastoreio e reincorpora terras deixadas em descanso e que, cessadas as condições indutoras dessa racionalidade, ele reflui sobre as áreas de pastoreio e das lavouras exploradas em condições edafo-climáticas desfavoráveis.

Antes de terminar essas observações sobre o comportamento da lavoura de grãos no Estado, em 2004, cabe chamar atenção sobre os dados que foram utilizados para avaliá-lo. Tomou-se como base para comparação a maior safra já verificada na história do Rio Grande do Sul. Isso significa que, mesmo em situações normais, isto é, mesmo que não tivesse ocorrido quebra de produtividade, dificilmente se poderiam atingir taxas altas de crescimento da lavoura em 2004 com relação a 2003.

Tabela 2

Evolução das áreas de pastagens e de lavouras de verão
no Rio Grande do Sul — 2001 e 2003

(1 000 ha)

SUBSETORES	2001	2003	PERDAS E GANHOS
Pastagens	11 680	11 013	-667
Lavoura	5 745	6 125	380

FONTE: AGROANALYSIS, Rio de Janeiro: FGV, v. 24, n. 8, p. 37, ago. 2004.
IBGE. Base Sidra.

NOTA: As lavouras de verão correspondem às áreas cultivadas com arroz, soja, milho e feijão.

1.2 - A pecuária de corte: o bom desempenho da produção física de bovinos e aves

Antes de passar à avaliação do desempenho da pecuária de corte em 2004, cabem algumas observações sobre os indicadores que serão utilizados com essa finalidade.

O desempenho da produção física da pecuária será analisado através dos abates de animais — bovinos, suínos e aves — declarados pelos estabelecimentos sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal. Eles exprimem, portanto, apenas uma parte dos abates efetivos. Por isso mesmo, é interessante, nesse contexto, fazer uma referência sobre a representatividade dos dados que serão analisados.

Considerando a pecuária de corte bovina, o estoque de animais no Rio Grande do Sul é estimado pelo IBGE em 14.582 mil cabeças, aproximadamente, em 2003; e os abates, segundo a mesma fonte, ao redor de 1,4 milhão de cabeças, o que resultaria em uma taxa de desfrute do rebanho de cerca de 10%.⁴ Embora não se disponha de uma estatística oficial sobre o valor atual do

⁴ Cabe esclarecer como foram obtidos os números que são utilizados para estimar a taxa de desfrute e, por conseguinte, a produção de bovinos de corte, medida em número de animais abatidos. A fonte dos dados é o IBGE. O número de cabeças do rebanho foi retirado da **Pesquisa Pecuária Municipal** e refere-se ao ano de 2003. Já os abates representam a soma das cabeças abatidas mensalmente entre julho de 2003 e junho de 2004 — por serem esses os dados disponíveis. E os dados sobre os couros adquiridos foram extraídos da **Pesquisa Trimestral do Couro — Resultados Mensais**, relativos também aos meses compreendidos entre julho de 2003 e junho de 2004.

indicador, com base em entrevistas realizadas junto a produtores rurais em 1998, é possível supor que a taxa média de abate no Estado não deva andar abaixo dos 18%. De outro lado, informações sobre a realidade nacional mostram que, em 1996, a taxa média de desfrute do rebanho brasileiro atingiu 17,8%, prevendo-se, para o ano de 2004, sua elevação para 20,87% a 22% (Agroanalysis, jun.; ago. 2004). Ora, não há razão para supor que prevaleçam índices inferiores de produtividade na pecuária gaúcha. Assim, aceitando-se inicialmente como razoável uma taxa média de desfrute de 18%, os abates somariam ao redor de 2,6 milhões de cabeças. Se ela for admitida no patamar de 20%, a produção estaria em torno de 2,9 milhões a 3,0 milhões de cabeças de bovinos abatidos ao ano. Em qualquer caso, os abates no Estado seriam o dobro dos registrados nos arquivos do IBGE e utilizados na análise.⁵

Feitas essas ressalvas preliminares, a avaliação do desempenho do setor de bovinocultura de corte, com base nos abates de animais capturados pelo IBGE, constitui, assim, tão-somente um indicativo do dinamismo do setor no passado recente.

A base Sidra disponibiliza as informações sobre os abates de todos os rebanhos somente até junho de 2004, e esta é outra limitação dos dados utilizados para avaliar o desempenho do setor.

Considerando, primeiro, os abates de bovinos acumulados entre julho de 2002 e junho de 2003 e comparando-os com os contabilizados entre julho de 2003 e junho de 2004, conclui-se que ocorreu uma melhoria na produção gaúcha da ordem de 25%. É importante ressaltar que esse desempenho foi muito melhor do que o revelado pela pecuária brasileira como um todo; na verdade, foi o dobro do nacional, que ficou em 12,4%.

Considerando, de outra parte, os resultados dos abates no Rio Grande do Sul compreendidos no primeiro semestre de 2004 e associando-os aos obtidos no mesmo período de 2003, chega-se ao mesmo incremento da produção, 25%. Já a produção brasileira de bovinos evidencia um aumento da ordem de 19% nesse período.

Assim, o crescimento da pecuária em âmbito nacional foi maior no primeiro semestre do ano de 2004 com relação a idêntico período de 2003 do que o observado entre os dois anos compreendidos entre julho de 2002 e junho de

⁵ Mas existe outra maneira de checar o volume total dos abates. Trata-se de utilizar como indicador a quantidade de couro cru inteiro de bovino adquirida pelos curtumes no ano. Ora, se se levarem em conta esses números, tem-se um total de 2,7 milhões de peças adquiridas, as quais, consideradas como provenientes de animais abatidos no Estado, implicariam uma taxa de abate de animais de aproximadamente 18,6%, índice com valor muito próximo ao sugerido pelas pesquisas apresentadas.

2004. No Rio Grande do Sul, o segmento mantém um expressivo índice de crescimento em ambos os períodos — sempre superior ao nacional (Gráfico 5).

Cabe, aqui, uma ressalva. A extraordinária performance da pecuária sul-rio-grandense, medida pelo crescimento anual e semestral, deve ser avaliada levando em consideração o fato de que o setor vinha passando por um período crítico em 2001-02. A razão maior das dificuldades foi a incidência da aftosa sobre o rebanho gaúcho, que prejudicou grandemente as vendas, deprimindo, dessa maneira, os abates.

A produção de aves mostrou um bom desempenho nos períodos considerados. As taxas de crescimento apuradas foram positivas, quer se esteja considerando o crescimento anual, quer se estejam comparando os semestres ou os âmbitos nacional e estadual (Gráfico 6).

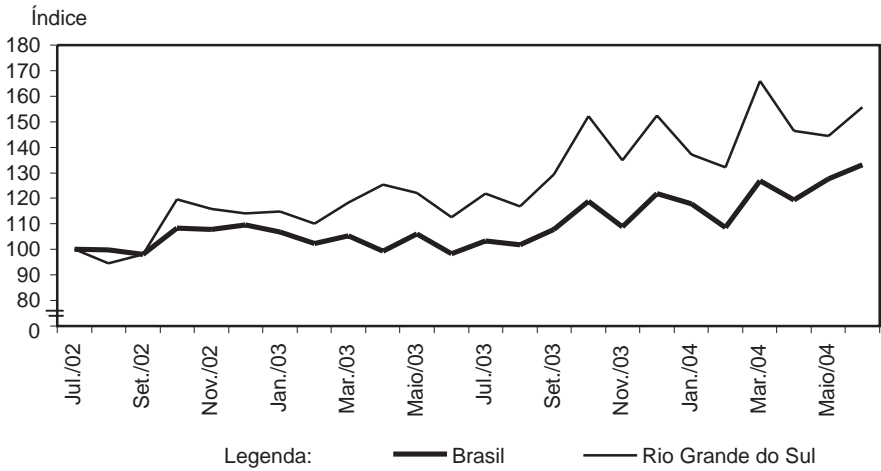
No Rio Grande do Sul, os abates cresceram, no ano e no semestre, aproximadamente à mesma taxa, de 4%; no Brasil, a 8% e 11,9%, mostrando um dinamismo maior da produção de aves nas demais regiões.

Mas, se a pecuária bovina e de aves apresentou uma ótima performance em nível tanto nacional quanto estadual, o mesmo não se pode dizer com respeito ao segmento produtor de suínos.

A produção de suínos, com efeito, não resultou em um quadro favorável, quer seja em nível nacional, quer seja no Rio Grande do Sul. No Estado, entre os dois anos compreendidos entre julho de 2002 e junho de 2004, a queda dos abates ficou em 5%, maior até do que a registrada no Brasil, de 4,1%. Considerando os abates acumulados entre janeiro e junho de 2004 e comparando-os com os registrados em idêntico período do ano de 2003, o desempenho da suinocultura no Rio Grande do Sul foi também negativo e ainda pior do que o exibido pela pecuária nacional, evidenciando reduções de 8% e 4% respectivamente (Gráfico 7).

Gráfico 5

Evolução do abate de bovinos no Brasil e no Rio Grande do Sul — jul./02-jun./04

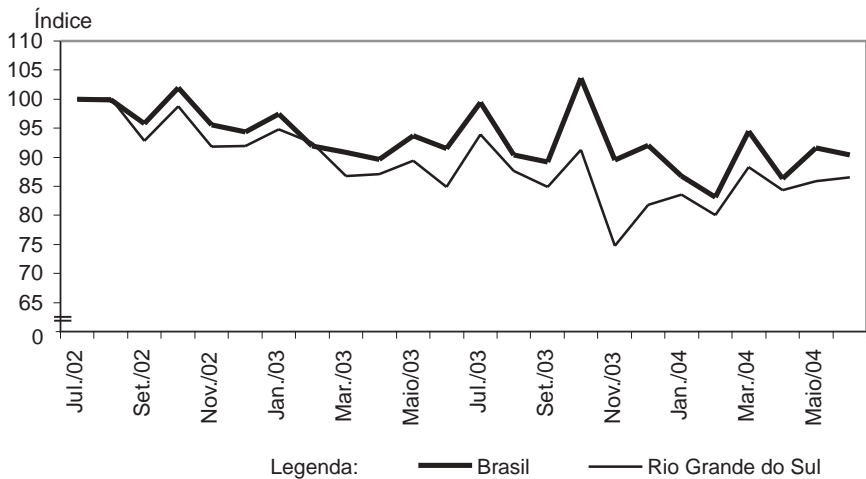


FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais - Resultados Mensais.

NOTA: Os dados têm como base jul./02 = 100.

Gráfico 6

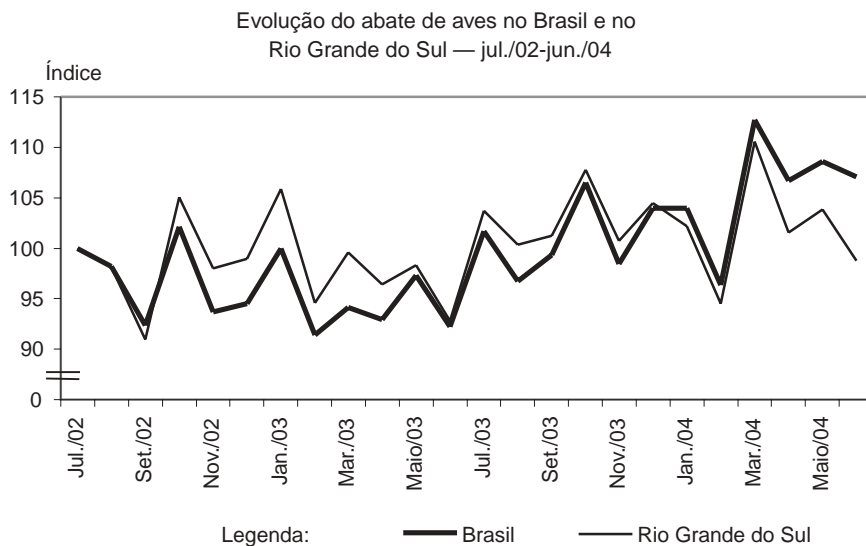
Evolução do abate de suínos no Brasil e no Rio Grande do Sul — jul./02-jun./04



FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais - Resultados Mensais.

NOTA: Os dados têm como base jul./02 = 100.

Gráfico 7



FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais - Resultados Mensais.

NOTA: Os dados têm como base jul./02 = 100.

2 - A safra gaúcha 2004/2005: cenário de supersafra? E a rentabilidade?

Quando o produtor brasileiro teve de tomar decisões sobre quais grãos semear e a extensão em que os cultivaria às vésperas do início do plantio da safra de verão 2004/2005, o cenário com que trabalhava não era dos mais encorajadores.

Primeiro, ele não poderia deixar de ter bem presente na memória o prejuízo sofrido com as quebras importantes na produção advindas de fatores adversos, tanto de origem climática, quanto decorrentes da incidência da ferrugem, que afetou especialmente a lavoura da soja localizada na área dos cerrados brasileiros. Esses fatores se somaram, afetando negativamente a sua renda por meio da redução da produtividade física da terra e do aumento dos custos de produção, em razão da maior utilização de defensivos para controle do fungo.

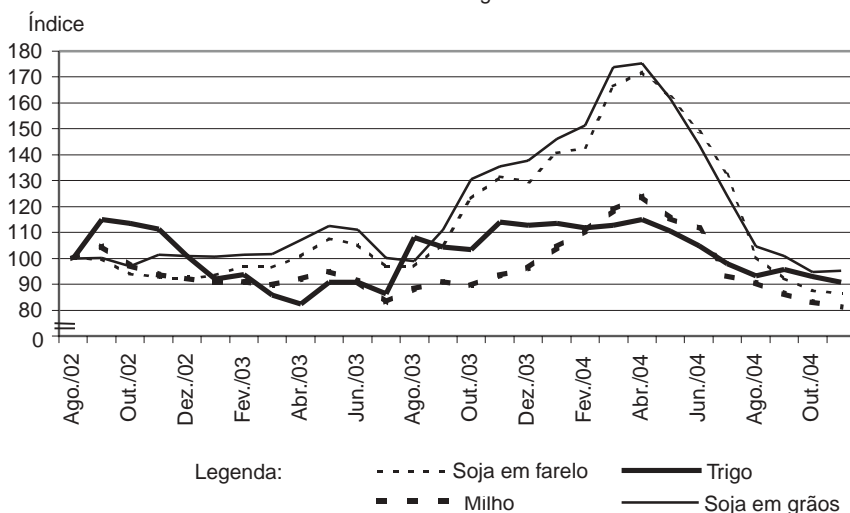
Além disso, os preços internacionais das *commodities* no mercado internacional vinham em queda acentuada desde abril de 2004, com indicativos

de continuidade dessa tendência, que se mostraram corretos. O Gráfico 8 mostra a evolução desses preços desde agosto de 2002 e permite observar que, em novembro de 2004, estes se encontravam em níveis inferiores aos registrados em agosto de 2002. O caso do trigo era especialmente dramático, pois, àquela época do ano, o cereal estava sendo comercializado a preços abaixo dos mínimos fixados pelo Governo.

Explica-se em boa parte esse comportamento dos preços pelo fato de que, no transcorrer do plantio das safras brasileiras, começavam a aparecer claramente sinais de que o mercado internacional estava abastecido e assim continuaria, em razão das boas colheitas nos grandes países produtores de soja, milho e trigo, como são os Estados Unidos e a Argentina.⁶

Gráfico 8

Evolução dos preços internacionais de *commodities* selecionadas — ago./02-nov./04



FONTE: FGV. Disponível em: <http://www.fgvdados.com.br>

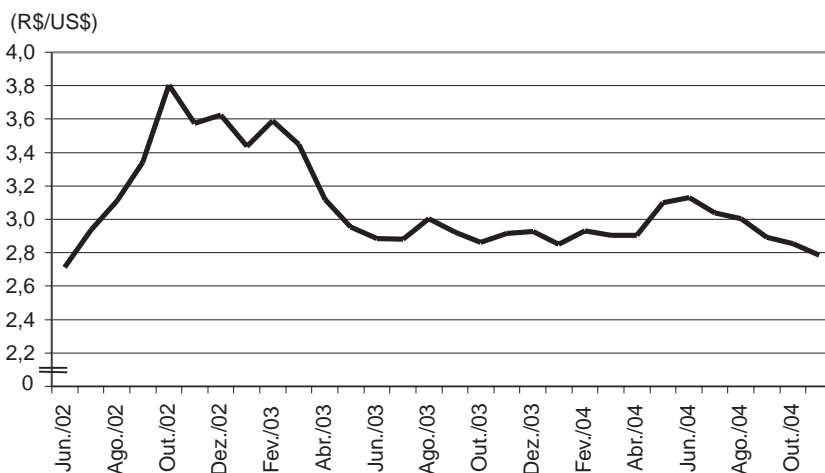
NOTA: Os dados têm como base ago./02 = 100.

⁶ No que diz respeito à soja, nesse período, a colheita norte-americana tinha coberto 95% da área semeada. E, sem os problemas climáticos que prejudicaram as safras 2002/2003 e 2003/2004, o País prepara-se para finalizar a colheita de uma produção recorde em 2004/2005. As últimas projeções do USDA, o departamento de agricultura dos EUA, sinalizam 85,74 milhões de toneladas, 28,4% a mais que no ciclo anterior (Mercado..., 30 nov. 2004).

De outra parte, a queda dos preços em dólares das exportações não poderia sequer ser compensada pelo aumento das receitas em reais, pois, no período, os produtores conviveram com a apreciação da moeda brasileira em relação a norte-americana.

Gráfico 9

Evolução mensal do câmbio (real/dólar) — jun./02-nov./04

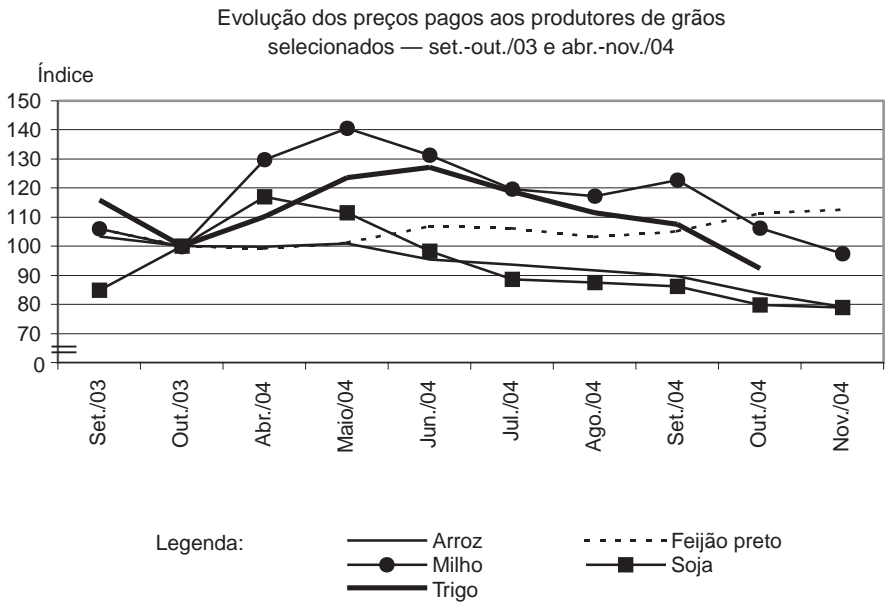


FONTE: FGV. Disponível em: <http://www.fgvdados.com.br>

Assim foi que, tornando-se pouco atrativas, as exportações aumentaram as expectativas de acréscimo na disponibilidade interna dos grãos, o que contribuiu para reforçar a tendência de queda no mercado doméstico.

Mas, não fosse isso suficiente, a rentabilidade da lavoura veio sendo pressionada pela ascensão dos preços dos principais insumos agrícolas. Veja-se, nesse particular, a relação entre os preços recebidos pelo produtor e o dos fertilizantes, que demonstra claramente ser muito desfavorável ao produtor.

Gráfico 10

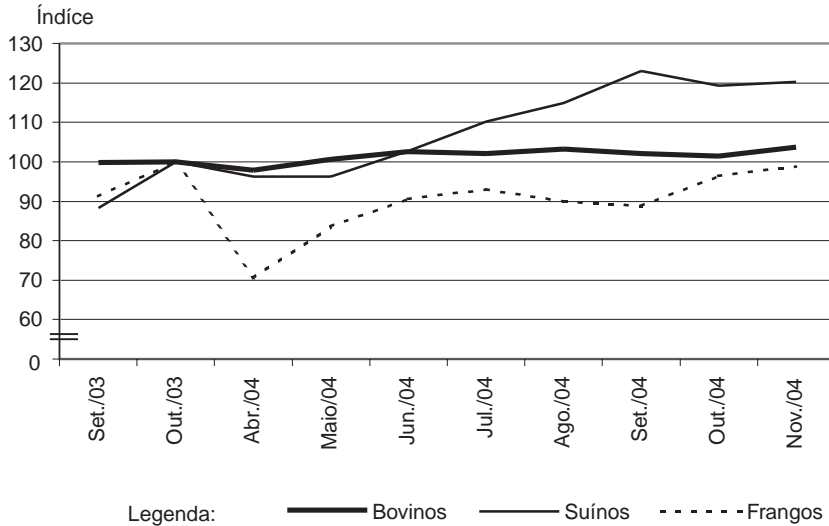


FONTE: INDICADORES DA AGROPECUÁRIA, Brasília, DF: Conab, ano 13, n. 11, nov. 2004.

NOTA: 1. Os dados têm como base out./03 = 100, considerando valores correntes.
 2. Arroz no Rio Grande do Sul; feijão preto em Santa Catarina e Paraná; milho no Rio Grande do Sul; soja no Rio Grande do Sul; trigo no Rio Grande do Sul.

Gráfico 11

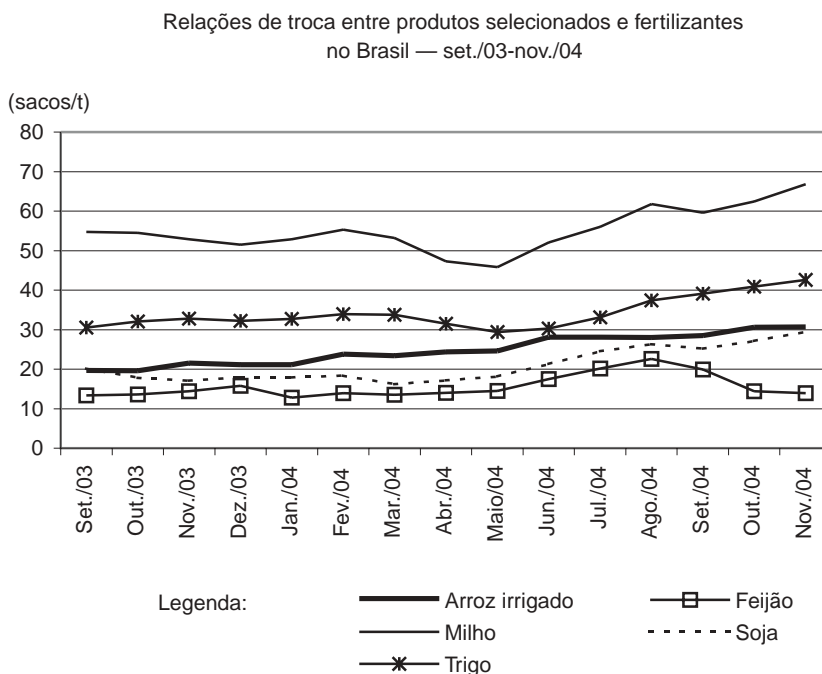
Evolução dos preços pagos aos produtores
de carnes — set.-out./03 e abr.-nov./04



FONTE: INDICADORES DA AGROPECUÁRIA, Brasília, DF.: Conab, ano 13, n. 11, nov. 2004.

NOTA: 1. Os dados têm como base out./03 = 100, considerando valores correntes.
2. Bovinos em São Paulo; suínos em Santa Catarina; e frangos em São Paulo.

Gráfico 12



FONTES: INDICADORES DA AGROPECUÁRIA, Brasília, DF.: Conab, ano 13, n. 11, nov. 2004.

NOTA: Arroz irrigado em sacos de 50kg; feijão, milho, soja e trigo em sacos de 60kg.

Se se levarem em conta os dados divulgados pela Conab, resultantes do Segundo Levantamento das Intenções de Plantio de grãos para a safra de verão 2004/2005, no Rio Grande do Sul, conclui-se que o produtor não foi muito afetado por todos esses condicionantes negativos no momento em que tomou suas decisões de plantio. Pois, se tivesse sido, como se poderia explicar que continuasse a expandir a área da lavoura na safra 2004/2005? Segundo apontam os dados levantados pela Conab, a disposição do agricultor gaúcho era de semear mais 150 mil hectares em grãos, representando um aumento de 2% com relação à safra 2003/2004.

Mas, ao contrário da safra anterior, 2003/2004, em que o aumento de áreas das lavouras de verão de sequeiro se concentrou na expansão da soja, verificando-se, inclusive, redução das áreas do feijão e do milho em seu benefício,

na safra 2004/2005, o produtor estaria disposto a diversificar a produção, plantando mais 96,7 mil hectares com milho e reservando 121,6 mil hectares para a expansão da soja.

Um fato importante a salientar é a redução da área destinada ao plantio do arroz, da ordem de 5,4%, representando 57 mil hectares, o que parece pouco; todavia, considerando a elevada produtividade do grão, a queda na produção alcançaria 484 mil toneladas.

Mas essas previsões são até otimistas com relação às divulgadas no Primeiro Levantamento das Intenções de Plantio divulgadas em outubro de 2004, onde se previa, para o Rio Grande do Sul, uma redução maior na área plantada com arroz, associada a níveis menores de produtividade, por conta de projetarem um maior atraso no início do plantio e um pior efeito da estiagem sobre o estoque de águas das barragens.⁷

Mas, além dos problemas decorrentes da estiagem, o convívio com os preços de venda cadentes e a expectativa de continuidade desse movimento também teriam influenciado a intenção de reduzir a área plantada com arroz.

Deixando de lado o caso do arroz e olhando para o conjunto das lavouras cultivadas no Rio Grande do Sul, observa-se que as estimativas da Companhia sobre o volume da produção das diferentes safras de grãos 2004/2005 baseiam-se em níveis de produtividade que, embora já tenham sido registrados no Rio Grande do Sul, são muito bons.

E, a esses níveis de produtividade, o volume total de grão produzidos poderá alcançar 22.361,1 mil de toneladas. Ora, esse desempenho coloca a safra 2004/2005, aproximadamente, no mesmo patamar da obtida em 2002/2003 — quando foram colhidas 22.238,1 mil toneladas. Se tudo for assim, isto é, se não ocorrer nenhum acidente climático e se nenhuma praga assolar as lavouras — em resumo, se a natureza assim prover —, o Rio Grande do Sul poderá estar colhendo, novamente, uma supersafra.

⁷ Segundo aquele documento, textualmente, "(...) a redução da área plantada do arroz deveu-se a que as chuvas acumuladas até o início de outubro não foram suficientes para recompor a capacidade de irrigação das barragens principalmente no centro-oeste do Estado. São Borja, São Gabriel, Uruguaiana e Alegrete apresentavam os mais baixos índices nas barragens", prejudicando as áreas dependentes dessa fonte de irrigação.

3 - Considerações finais

A produção de grãos do Rio Grande do Sul, apurada no ano de 2004, foi seriamente prejudicada por fatores climáticos adversos. Já a pecuária de corte, em termos globais e considerando o indicador utilizado, apresentou um bom desempenho, com exceção do segmento voltado à exploração de suínos.

As perspectivas que se abrem para a safra 2004/2005, levando em conta as intenções de plantio dos agricultores levantadas pela Conab, em termos gerais, mostram um quadro bastante favorável e, poder-se-ia dizer, até otimista. Otimista porque, apesar dos prejuízos colhidos na safra 2003/2004, projetam um aumento, ainda que pequeno, de área plantada com lavouras de verão; mas otimista, sobretudo, em nosso ponto de vista, porque utiliza, para estimativas das produções, índices de rendimentos físicos da terra elevados, em algumas lavouras semelhantes até aos obtidos na safra 2002/3003, onde se apuraram níveis recordes de produtividade, dando origem à maior safra da história do Rio Grande do Sul. Seja como for, a expansão da área, combinada com os índices estimados de produtividade, cria a expectativa de que o Rio Grande do Sul estaria para colher sua melhor safra em 14 anos.

Ora, para que esses resultados sejam atingidos, é preciso, basicamente, que o clima não prejudique o desenvolvimento normal da lavoura, assim como esta não seja infectada por pragas — como a ferrugem asiática, por exemplo, que ronda, neste momento, as plantações de soja. Mas a probabilidade de ocorrência de adversidades climáticas é muito diferente de zero.

Suponha-se que o clima se comporte favoravelmente e que sejam atingidos os valores da produção física projetados. Nesse caso, como se comportaria a renda do agricultor? Como se viu, até este momento, a tendência dos preços das *commodities* nos mercados internacional e nacional é descendente, enquanto a dos custos internos de produção, crescente. A se confirmarem tais movimentos, a rentabilidade da exploração das lavouras poderia ficar prejudicada.

Na área da produção animal, devem-se ressaltar as boas perspectivas que se abrem para a produção da pecuária bovina de corte, cuja produção está sendo impulsionada pelas vendas externas.

Mas seria interessante, antes de concluir, situar o desempenho da lavoura gaúcha em 2004 e as perspectivas desenhadas para 2005 no contexto de seu padrão histórico de desenvolvimento.

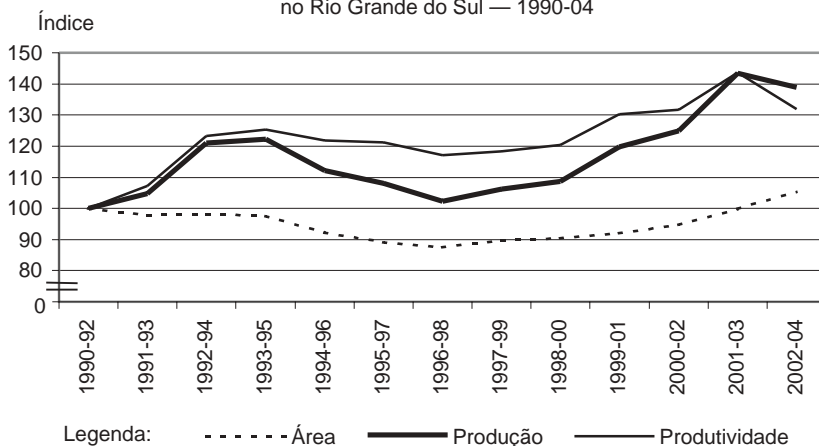
Considerando como ponto de partida o ano de 1990, observa-se uma clara subida da curva de produção física a partir de 1999, acompanhando, aliás, o movimento da lavoura de grãos nacional. Se se considerar a média da produção do quinqüênio 2001-05 (19.530,4 mil toneladas) em relação à do de 1996-00

(14.072,6 mil toneladas), observa-se que foram produzidas mais 5.457 mil toneladas de grãos, devido ao aumento de produtividade de 18% e à expansão da área cultivada, de 1.282 mil hectares. E isso, é importante frisar, sendo o Rio Grande do Sul uma área agrícola tradicional, sem fronteira interna para expansão da produção e com certas características que pesam negativamente na competitividade — como as escalas de produção desfavoráveis à exploração de *commodities* e a instabilidade climática. Deve-se ressaltar que o Estado apresentou esses resultados positivos em um contexto de forte aumento de competitividade, em função da grande expansão da lavoura no centro-oeste e no norte do País. Sobre isso, aliás, a realidade parece ter desmentido, pelo menos no médio prazo, as expectativas negativas de que a expansão da lavoura nas áreas dos cerrados brasileiros marginalizaria a produção gaúcha.

E, ainda mais, se, como já se argumentou, o crescimento da lavoura ocorreu sobre áreas de pastagens e como, por outro lado, não há indícios de redução da produção da pecuária de corte bovina — ao contrário, os indicadores aqui utilizados mostram um aumento de produção coincidentes à expansão da lavoura —, então, estaria ocorrendo um aumento de produtividade nesse segmento da produção animal.

Gráfico 13

Evolução da área, da produção e da produtividade dos principais grãos, segundo suas médias móveis trienais centradas, no Rio Grande do Sul — 1990-04



FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, set. 2004.

NOTA: Os dados têm como base 1990-92 = 100.

Referências

- AGROANALYSIS, Rio de Janeiro, FGV, v. 24, n. 6, jun. 2004.
- AGROANALYSIS, Rio de Janeiro, FGV, v. 24, n. 7, jun. 2004.
- AGROANALYSIS, Rio de Janeiro, FGV, v. 24, n. 8, jun. 2004.
- AGROANALYSIS, Rio de Janeiro, FGV, v. 24, n. 9, jun. 2004.
- BOLETIM DE CONJUNTURA, Rio Janeiro: IPEA, n. 63, dez. 2003.
- BOLETIM DE CONJUNTURA, Rio Janeiro: IPEA, n. 66, set. 2004.
- CONAB. **Acompanhamento da safra 2003/2004**: Sexto levantamento. Brasília, DF.: Conab, ago. 2004.
- CONAB. **Primeiro levantamento de intenção de plantio safra 2004/2005**. Brasília, DF.: Conab, out. 2004.
- CONAB: **Segundo levantamento de intenção de plantio safra 2004/2005**. Brasília, DF.: Conab, dez. 2004.
- FÜRSTENAU, Vivian. Breves notas sobre o desempenho das exportações de carne gaúcha: 2000/02. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 30, n. 4, 2003
- INDICADORES DA AGROPECUÁRIA, Brasília, DF.: Conab, ano 13, n. 11, nov. 2004.
- INDICADORES DA AGROPECUÁRIA, Brasília, DF.: Conab, ano 13, n. 12, dez. 2004.
- MERCADO de soja transfere foco para a América do Sul. **Valor Econômico**. São Paulo, 30 nov. 2004.